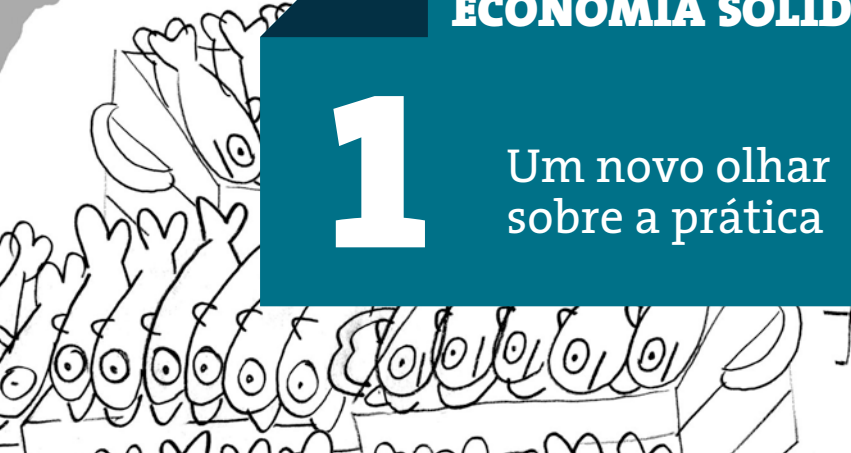




FLUXOS E INFORMAÇÕES NA
ECONOMIA SOLIDÁRIA

1

Um novo olhar
sobre a prática



FLUXOS E INFORMAÇÕES NA
ECONOMIA SOLIDÁRIA

1

Um novo olhar
sobre a prática

Uma publicação do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase)
Rio de Janeiro, 2011

COORDENAÇÃO

Daniel Tygel e Eugênia Motta

TEXTO

Daniel Tygel

REDAÇÃO FINAL

Ibase

REVISÃO EDITORIAL

Flávia Mattar

REVISÃO

Ana Bittencourt

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Guto Miranda

ILUSTRAÇÕES

Fábio Tenório

TIRAGEM

1.000 exemplares

Distribuição dirigida

Pedidos de exemplares:

Ibase

Av. Rio Branco, 124, 8º andar
Centro CEP 20040-916
Rio de Janeiro – RJ
www.ibase.br
Tel.: (21) 2178- 9400
Fax: (21) 2178- 9402

PARCERIAS

Cáritas Brasileira/Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego/Universidade Federal Rural de Pernambuco/Centro Nacional de Formação em Economia Solidária/Centros Regionais de Formação em Economia Solidária/Fórum Brasileiro de Economia Solidária/Instituto Marista de Solidariedade

REALIZAÇÃO

ibase30.

PATROCÍNIO

BR PETROBRAS

**PROGRAMA
PETROBRAS
DESENVOLVIMENTO
& CIDADANIA**

Sumário

Apresentação	4
O que são redes e cadeias solidárias?.....	7
O que são fluxos?.....	11
Fluxos de informação.....	17
A informação e os fluxos na ótica da Economia Solidária.....	21
Cirandas.net – espaço de inteligência econômica colaborativa e solidária.....	29
A informação a nosso favor e do nosso jeito.....	31
Caminhos.....	39
Ferramentas na internet.....	42

Apresentação

Você tem em mãos a primeira cartilha de uma série de quatro, produzida pelo Ibase em parceria com os Centros de Formação em Economia Solidária (CFES) e organizações que trabalham no campo da Economia Solidária.

Nesta coleção de cartilhas, queremos contribuir para o fortalecimento da Economia Solidária sugerindo uma forma diferente de olhar para os nossos empreendimentos e, em especial, as redes e cadeias nas quais estamos inseridos. A busca por um olhar diferenciado enriquece a reflexão sobre nossas experiências. Nas cartilhas, discutimos questões como a troca de saberes, a circulação de produtos, a gestão de processos, entre outros aspectos importantes para a vida dos empreendimentos, a partir da perspectiva da informação e dos fluxos. Neste primeiro número, introduzimos alguns conceitos básicos. Já as demais cartilhas trazem exemplos concretos de iniciativas em diferentes partes do país e que nos ajudam a pensar modos de fortalecer a Economia Solidária.

Uma das principais bandeiras construídas pelo movimento de Economia Solidária é a necessidade de consolidar redes e cadeias de produção, comercialização e consumo solidários. Um desafio para isso é dar visibilidade a estas redes e cadeias: como elas funcionam (ou não funcionam)? Como podem ser melhores? Como saber se estão contribuindo com uma Economia Solidária ou se estão indo contra seus princípios e valores?

Nossa proposta com estas cartilhas é a de apresentar ferramentas e métodos **a partir do olhar sobre fluxos e gestão da informação** para responder essas perguntas e chegar a caminhos que podem ser úteis às redes, às cadeias e aos empreendimentos de Economia Solidária.

As quatro cartilhas estão organizadas da seguinte maneira: a primeira introduz o tema da informação e dos fluxos, e aborda como esse olhar pode ser útil para avaliarmos empreendimentos e sua articulação em redes e cadeias solidárias. Já as três cartilhas seguintes são exercícios desse olhar

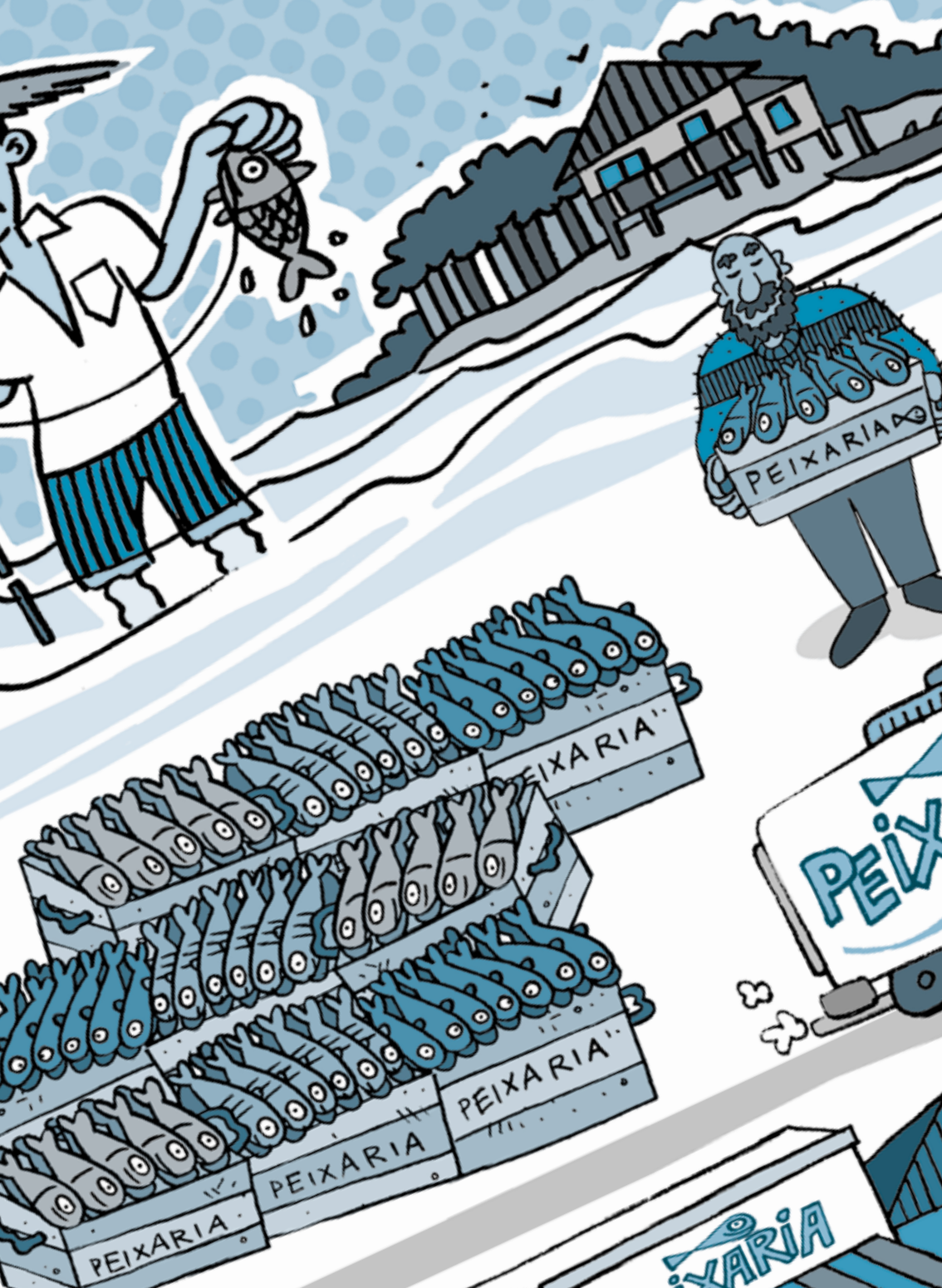
sobre fluxos e informação em seis casos reais de temáticas diferentes, ou seja, dois casos por cartilha, agrupados da seguinte maneira:

- O Espaço da Cultura do Consumo Responsável (SP) e a Cooperativa Eco-serra (SC) abordam, respectivamente, os temas do consumo responsável e das compras públicas, na Cartilha 2;
- A Central do Cerrado (DF e outros seis estados do Cerrado) e a Rede Eco-vida (RS, SC e PR), que tratam da comercialização e da certificação participativa, são as iniciativas da Cartilha 3;
- Já a Cartilha 4 é centrada na produção, tendo como iniciativas alguns núcleos de produção agroecológica no Polo da Borborema (PB) e a cadeia do algodão orgânico Justa Trama (em sete estados do país).

As cartilhas são voltadas a trabalhadoras e trabalhadores de empreendimentos solidários, e foram elaboradas para servir de material didático para atividades formativas em empreendimentos solidários organizados em redes ou em processo de constituição de redes.

O formato das cartilhas busca estimular esse olhar diferenciado, sempre se apoiando nos casos escolhidos e oferecendo sugestões de atividades e reflexões para as(os) trabalhadoras(es) de empreendimentos solidários poderem se utilizar deste conhecimento para identificar gargalos e respectivas soluções para os desafios do dia a dia.

Boa leitura e bom proveito!



O que são redes e cadeias solidárias?

Nesta cartilha, consideramos as redes como algo mais amplo do que cadeias. Uma cadeia é um conjunto de empreendimentos de Economia Solidária de ramos diferentes e complementares em que uns realizam produtos ou serviços que outros necessitam, como insumos ou matéria-prima, que, por sua vez, também realizam produtos ou serviços utilizados como insumos ou matéria-prima de outros, em cadeia. Ou seja, **uma cadeia é caracterizada pelas relações econômicas entre seus integrantes, envolvendo todos os elos da cadeia de um determinado produto, desde a produção primária até o consumidor final.**

Já **uma rede é caracterizada por um conjunto de empreendimentos de Economia Solidária que tenham uma ou mais identidades ou ações comuns**, não necessariamente de cadeia entre si. Essa identidade que caracteriza uma rede pode ser territorial, econômica, política, cultural, de saberes, entre outras. O fortalecimento de redes e cadeias é fundamental para a Economia Solidária, como tem sido atestado por diferentes encontros do movimento.

Segundo a IV Plenária Nacional do Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES) (2009):

A perspectiva de transformação social que constitui o horizonte mais amplo do movimento de Economia Solidária só pode ser garantida se conseguirmos afirmar os empreendimentos solidários como motores de desenvolvimento local, solidário e sustentável, o que indica a responsabilidade e importância do eixo de produção, comercialização e consumo solidários e da estratégia de organização e articulação em redes e cadeias solidárias.

(Relatório da IV Plenária, seção 2.2.1)

Essa deliberação é uma das mais importantes do movimento, tendo sido reforçada no relatório final da II Conferência Nacional de Economia Solidária (II Conaes) (2010):

Portanto, a estratégia nacional de comercialização solidária deve prever ações de fomento à Comercialização Solidária, ao Comércio justo e solidário e ao Consumo responsável. Para tanto, necessariamente, deverá: fomentar e financiar a criação de espaços de comercialização solidários permanentes e centros públicos de economia solidária territoriais; apoiar a constituição e construção de redes e cadeias solidárias de produção e de agroindustrialização, de comercialização, de logística e de consumo solidários; identificar cadeias produtivas étnicas; implantar processos de certificação participativa e o selo da economia solidária; promover a identidade visual e territorial dos produtos e serviços; promover a formação/assessoramento técnico contínuo e sistemático à comercialização; promover o consumo responsável; e fomentar a priorização de produtos e serviços da Economia Solidária nas compras institucionais em todas as esferas, modificando a lei 8.666/93 e expandindo as aquisições para quaisquer produtos ou serviços da economia solidária. Tais ações devem estar articuladas e em consonância com os princípios, regulação e critérios estabelecidos no Sistema Nacional de Comércio Justo e Solidário.

(Artigo 98 do Relatório da II Conaes, grifo do editor)

O QUE É A LEI 8.666/93?

Trata-se da “Lei das Licitações”, ou seja, é a lei que regulamenta como o governo brasileiro pode fazer qualquer compra pública ou contratação de serviços. Na II Conferência Nacional de Economia Solidária, decidiu-se que esta lei deve ser alterada para que fique mais fácil para o gestor público comprar produtos ou adquirir serviços da Economia Solidária, já que ela faz mais bem para a comunidade do que às grandes empresas capitalistas convencionais.



Exercícios

- 1) Dê um exemplo de uma rede que você conhece. Por que ela é uma rede?
 - 2) Dê um exemplo de uma cadeia que você conhece. Por que é uma cadeia? Faça um desenho de todos os elos da cadeia.
 - 3) Apesar de falarmos de redes e cadeias, muitas vezes, as coisas estão misturadas. Você conhece algum exemplo de rede que também é uma cadeia?
-



O que são fluxos?

A maneira mais fácil de compreendermos os fluxos é pensarmos nos rios. Todo rio **flui** da nascente até o mar. O que significa isso? Significa que as águas seguem um caminho definido e vão pouco a pouco se aproximando da foz. O que flui é a água. Se, no meio do caminho, há uma barragem, o fluxo vai somente até a barragem, que se torna um ponto de acúmulo de água. Ou seja, teremos aí um fluxo que concentra água em um ponto.

Este exemplo mostrou o que é um fluxo de água em um rio, mas podemos expandir essa ideia para vários elementos, tanto materiais como imateriais: é possível falarmos de fluxos de dinheiro, de saberes, de energia, entre outros, e até mesmo fluxo de informação! Quando falamos de um fluxo, estamos falando da circulação de algo, e do caminho e a maneira como circula.

Está complicado ainda? Vamos mostrar agora alguns exemplos de tipos de fluxos e, mais adiante, vamos tratar especificamente dos fluxos de informação.

Fluxos de saberes

O conhecimento não é único. Cada pessoa tem a sua história de vida e, com isso, acumula diferentes saberes. Na Economia Solidária e na Educação Popular, nós afirmamos que não existe um saber “melhor” do que o outro.

Em um empreendimento ou em uma rede está acontecendo formação o tempo todo, seja em cursos e eventos pontuais, seja durante a própria atividade econômica. O fluxo de saberes é visível se olharmos os processos de aprendizagem no empreendimento: quem costuma ter papel de “profes-

sor”? Que tipo de saber é mais valorizado? Qual tipo de saber é menos valorizado? Quais são as fontes (escola, universidade, comunidade, cultura etc.) consideradas mais seguras de conhecimento para o empreendimento?

Existem muitos conhecimentos que não se aprendem em momentos ou lugares específicos. Aquilo que aprendemos na família ou com pessoas da nossa comunidade também é muito importante. Muitos empreendimentos de economia solidária utilizam e valorizam, por exemplo, formas tradicionais de produção que passam de geração em geração.

Fluxos de poder

Na Economia Solidária, o princípio da autogestão é essencial, ou seja, a democracia (a possibilidade de participação de todos os integrantes do grupo) nas tomadas de decisão internas ao empreendimento ou entre empreendimentos em uma rede ou cadeia.

Se olharmos os processos de tomadas de decisão do empreendimento ou da rede, existe algum ponto (pessoa ou instância) que concentra poderes? Como o poder circula? Normalmente, quem interfere mais nas decisões políticas? Ao olhar os fluxos de poderes, é possível perceber pontos de concentração de poder?

Fluxos materiais

Quando estamos trabalhando em um empreendimento, estamos todo o tempo consumindo energia, matéria-prima e água e, ao final, há o descarte de sobras, calor e água usada. Poucas vezes, paramos para observar os fluxos desses materiais: por exemplo, de onde vem a energia, e o que é feito com o calor que é gerado por ela nas máquinas e na iluminação? Ou então, de onde vem a água, por onde ela passa e para onde ela vai? Quanto dela é reaproveitada no processo e quanto é descartado? Será que o que sobra da atividade de um empreendimento e é lixo pode ser matéria-prima para outro?

É interessante tentar desenhar esses fluxos e ver se há pontos de concentração ou pontos de descentralização.

Fluxos financeiros

O fluxo financeiro permite saber por onde o dinheiro está passando, de onde vem e para onde vai. Por exemplo, cada vez que um empreendimento com-

pra uma determinada matéria-prima, esse dinheiro vai para onde? Se é um produto de uma grande marca, vai para a grande empresa. Se é um produto da comunidade, o dinheiro vai ficar circulando na região. É muito rico olhar esses circuitos e perceber o quanto de riqueza está ficando na comunidade por conta do seu empreendimento ou da sua rede e o quanto está indo para o sistema capitalista ou para outros empreendimentos solidários.

Fluxos de produtos

O fluxo de produtos é parecido com o fluxo material, com a diferença que, neste caso, estamos olhando o que acontece com o produto depois de pronto: a logística utilizada para fazer a entrega ao consumidor ou a pontos de comercialização, quais as rotas, quais os centros nos quais os produtos ficam armazenados (ou seja, pontos de concentração deste fluxo) etc.

Nas outras cartilhas desta coleção, você verá exemplos concretos de cada um desses fluxos em diferentes iniciativas e redes de Economia Solidária do Brasil.

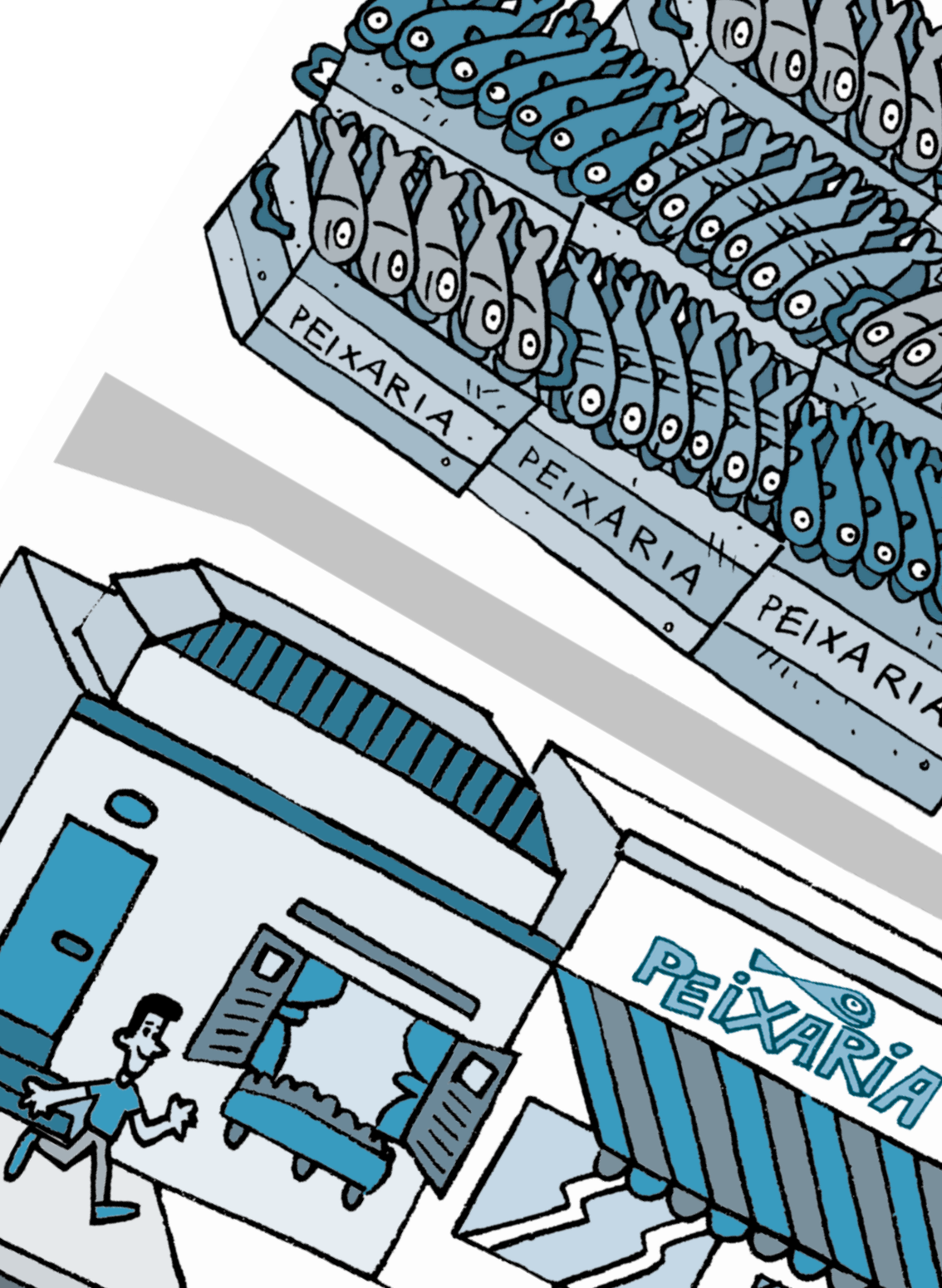




Exercícios

- 4) Descreva como você acha que é o fluxo do lixo no seu bairro ou cidade. De quais informações você precisaria para conseguir determinar melhor como e onde ele flui? Tente fazer um mapa desse fluxo.
 - 5) Quando fazemos compras em um supermercado, temos de passar pelo caixa. Quais informações o supermercado coleta sobre você quando faz a compra? A partir dessas informações, imagine como o supermercado pode usar tal informação.
 - 6) Sugestão de atividade no seu empreendimento ou na sua rede: que tal construir coletivamente um mapa, mostrando o fluxo financeiro, o fluxo material, o fluxo de poderes e o fluxo de saberes? Um jeito de fazer isso é responder as perguntas apresentadas para cada um dos fluxos e discutir uma maneira de desenhar no papel, mostrando os pontos e as conexões entre os pontos, como se fosse um grande painel.
-





Fluxos de informação

O que é informação

“Informação” é um conceito bastante utilizado, especialmente nos meios de comunicação – e mais intensamente após a II Guerra Mundial (1939–1945), com o advento dos computadores.

De maneira geral, a informação é um conjunto de dados que faz algum sentido ao ser recebido por uma pessoa, animal ou mesmo por máquinas de processamento.

Isso não significa que informação seja conhecimento nem que seja comunicação! Um conhecimento é resultado de reflexões e sistematização a respeito de certas informações que temos à disposição. Ou seja, só informação não basta: é preciso tirar conclusões a respeito dela a partir de nossa experiência, cultura e conhecimentos anteriores.

A comunicação também não é informação: é o conjunto de processos que permitem que informações passem de uma pessoa, animal ou máquina a outra pessoa, animal ou máquina. Ou seja, a comunicação liga sempre um ponto de partida a um destino, como se fosse uma linha de trem levando a informação de um ponto a outro.

Assim, podemos concluir primeiramente que o conhecimento é **algo muito maior do que a informação**. Apesar disso, vemos que o conhecimento **depende do acesso a informações e da capacidade de organizá-las**. Ou seja, quando falamos de construção do conhecimento, é preciso ter acesso

a informações, e usar nossa mente, cultura e instrumentos para refletir a respeito delas.

Por outro lado, de nada adianta construirmos novos conhecimentos se não podemos repassá-los a outras pessoas desta ou de futuras gerações. A consolidação dos conhecimentos se dá na sua incorporação em nossa cultura ou na sua sistematização para ser adotado por outras pessoas, de modo que elas não precisem “reinventar a roda”.

Vejamos um exemplo simples: sabemos que estamos com fome (conhecimento) quando nosso estômago dá (comunica) certos sinais (informações). Ora, se não temos o conhecimento do nosso corpo para interpretar essas informações que recebemos, sentiremos somente um mal-estar e não seremos capazes de resolver o problema (procurar por comida). Esse exemplo é baseado no conhecimento inconsciente que trazemos em nosso íntimo como seres vivos: nossos instintos são um conjunto de conhecimentos que carregamos e nos tornam capazes de interpretar informações naturalmente.

Agora, vamos tomar outro exemplo: um pescador consegue saber se vale a pena pescar no dia seguinte (conhecimento) ao observar alguns fatos no dia anterior, tais como a temperatura, a umidade, o tipo de nuvens no céu e a época do ano. Esses fatos estão dando informações ao pescador, mas apenas o conhecimento permite que ele organize as informações de acordo com o que precisa saber. Esse conhecimento foi passado de geração em geração, por meio da cultura dessa comunidade.



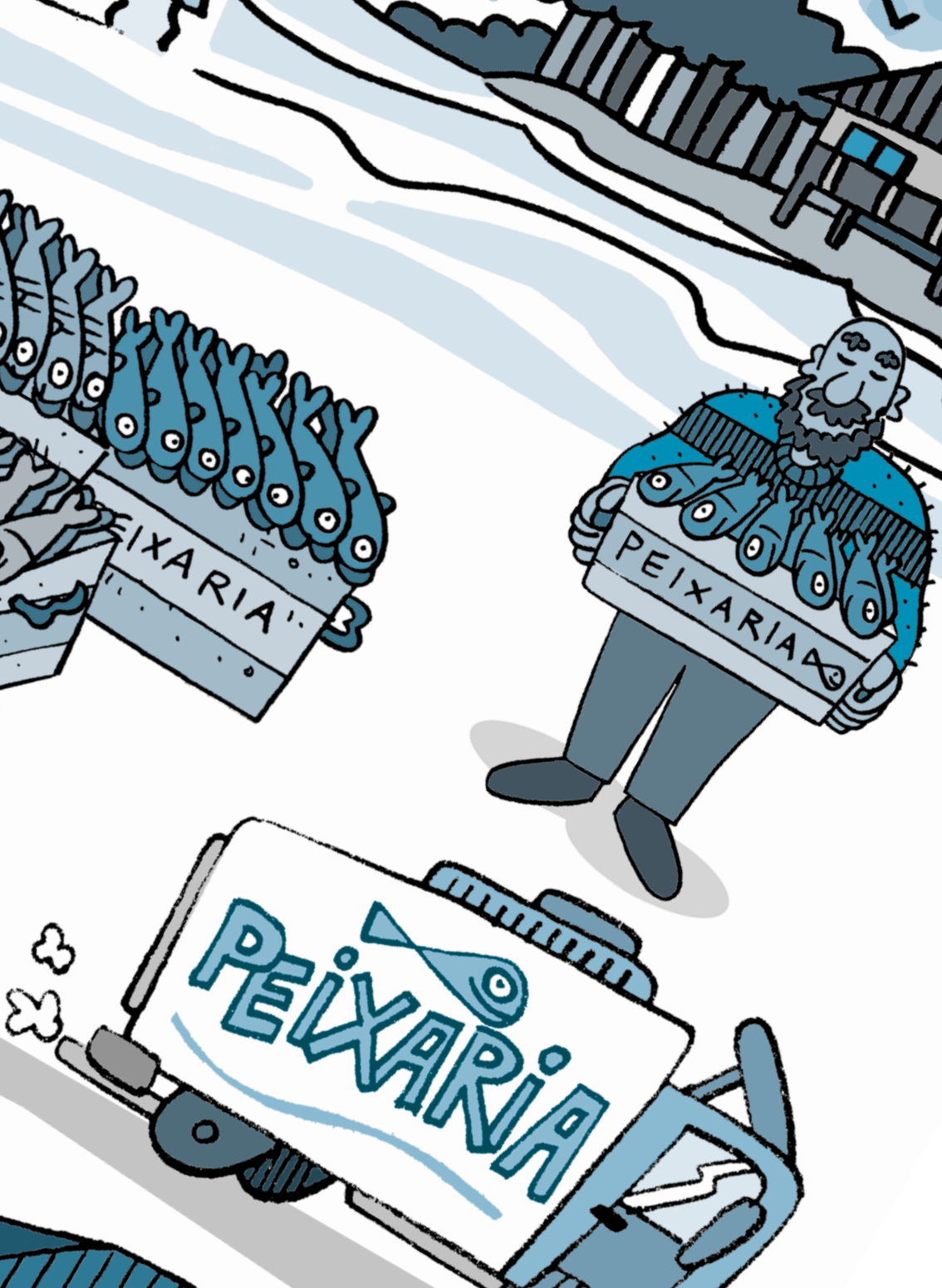
Exercícios

- 7) Suponha que você esteja de frente para um pé de caju (ou outra fruta típica da sua região) bastante carregado. Pense no que faz você decidir colher ou não os frutos: para vender no mercado; para fazer um doce; para comer na hora.

Escreva no papel o que são as informações, o seu conhecimento e a comunicação em cada um dos três casos. Tente observar a diferença entre eles!

- 8) Agora, vamos supor que um grupo de empreendimentos, e o seu é um deles, quer montar uma feira na cidade ou participar de uma feirinha já existente, mas há várias opções de local e tipo de feira. Para decidir onde e como fazer a feira, quais informações são necessárias? Como obter essas informações (comunicação)? E quais conhecimentos você usa para aproveitá-las e tomar a decisão acertada?

- 9) Se você fez o exercício 6 da seção “O que são fluxos?” no seu empreendimento ou na sua rede, pode aproveitar para pensar nas seguintes perguntas, olhando os mapas que elaborou: Quais informações foram necessárias para construir cada um dos fluxos? Essas informações estão sendo compartilhadas por todas as pessoas ou havia coisas (informações?) que pessoas do grupo não sabiam? Por quê?
-



A informação e os fluxos na ótica da Economia Solidária

Agora que compreendemos alguns aspectos sobre informação, fluxos e alguns dos desafios, podemos nos perguntar: existe diferença na forma de mexer com informação e nos tipos de fluxos quando assumimos os princípios, valores e bandeiras da Economia Solidária?

É comum fazermos esse tipo de pergunta em outras áreas, por exemplo, na comercialização: dizemos que a comercialização mais adequada à Economia Solidária é o Comércio Justo e Solidário, no qual as relações comerciais se dão com base na autogestão, na sustentabilidade ambiental, na democracia e no respeito em todos os elos, do(a) produtor(a) ao(à) consumidor(a), no preço justo, na justiça social, entre outros.

Também dizemos que a Economia Solidária necessita de uma tecnologia diferenciada, comumente chamada de “tecnologia social”, não centrada na maximização do lucro e na alienação do trabalho, mas, pelo contrário, que favoreça as relações democráticas e saudáveis voltadas à vida e adaptadas às diferentes realidades locais.

Na produção rural, afirmamos que a forma que mais tem a ver com a Economia Solidária é a Agroecologia, pois esta propicia a reterritorialização da agricultura, no sentido de sua maior autonomia, segurança e soberania alimentar, uso de sementes crioulas (não industriais nem transgênicas), fortalecimento dos laços comunitários pelos mutirões, respeito aos ciclos ambientais e cultura locais etc.

Bem, e a informação? E os fluxos? Na Economia Solidária, a circulação de informação também é utilizada de modo diferenciado: antes de tudo, é um meio de fortalecer a transformação social e econômica rumo a uma sociedade sustentável, solidária, justa e diversa. Apontamos aqui quatro princípios fundamentais para se alcançar esses objetivos: cooperação, conhecimento livre, autogestão e circulação sem concentração.

Princípio 1: cooperação

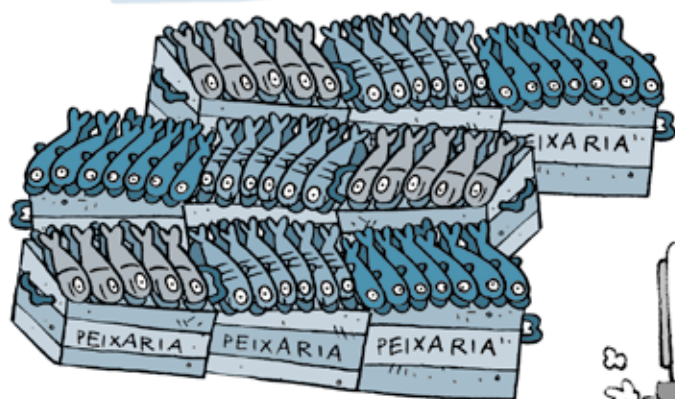
Pensar na informação com base no princípio da cooperação interfere especialmente na forma de coleta das informações e nas finalidades de seu uso.

Quando a coleta de informações se faz em cooperação, há a perspectiva de rede de coleta por parte dos diferentes atores, vistos como complementares. Já na competição, cada um deve tentar construir sozinho a imagem global e, por isso, deve buscar coletar todas as informações possíveis, perdendo a pluralidade, a diversidade e a abrangência das informações coletadas e, conseqüentemente, tendo uma visão limitada do todo.

Em uma cidade grande, por exemplo, cada catador de materiais recicláveis tem informações diversificadas, dependendo do tipo de material que coleta preferencialmente e da região da cidade onde está atuando. Se os catadores coletam as informações em cooperação, é possível terem uma visão mais ampla, com menos custos e trabalho, de onde estão concentrados os diferentes tipos de materiais e por onde costumam circular. Se cada um dos catadores vê o outro simplesmente como ameaça, a informação que cada um tem sobre os materiais para reciclagem na cidade é muito mais restrita, e cada um terá de fazer mais esforços para ampliar sua visão e identificar oportunidades para melhorar a logística e os percursos no dia a dia. Com isso, todos saem perdendo, pois têm custos e sobressaltos muito maiores, tornando o cotidiano mais incerto.

Já com relação ao **uso das informações**, temos a seguinte diferença: se coletamos e organizamos informações com o objetivo de ganhar maior competitividade, é preciso saber sobre os outros sem que os outros saibam sobre nós. Isso implica ter de conseguir de maneira indireta as informações sobre as ações dos outros atores e, ainda por cima, proteger-se para que os demais não peguem informações sobre nós.

Assim, quando a finalidade do uso das informações é para competir, perde-se muita energia tentando obter informações dos outros que estão fazen-



do atividades parecidas às nossas (concorrentes) e menos energia buscando informações externas. **Quando o uso das informações se dá tendo em vista a cooperação, já partimos do zero com as informações de todos os envolvidos, portanto, não precisamos nos preocupar com estratégias de coleta de informações internas, podendo nos concentrar coletivamente na coleta de informações externas que potencializem todos os atores envolvidos.** Ganha-se, assim, maior capacidade de criação e visão do todo.

Por exemplo, se um empreendimento que produz chocolates visa coletar a informação com fins de concorrência com as demais do mesmo ramo, vai ter de construir estratégias de coleta de informações sobre os passos do concorrente, os seus fornecedores, clientes e projetos. Se está pensando na cooperação, vai dedicar maior atenção à coleta de informações a respeito do ramo de chocolates em geral, construindo uma rede colaborativa que já começa com as informações de todos os empreendimentos integrantes.

A cooperação torna-se ainda mais potente quando abordamos mais de um ramo de atividade. Nos exemplos anteriores, a cooperação entre os empreendimentos de produção de chocolate e os catadores pode permitir o uso de embalagens reutilizáveis, que saem dos empreendimentos de chocolate e retornam para os mesmos com o apoio dos catadores, com resultados positivos para o meio ambiente. Neste sentido, os catadores terão mais informações sobre o uso de embalagens, e os empreendimentos de chocolates conhecerão melhor quem são os consumidores e onde estão localizados.

Princípio 2: conhecimento livre

O princípio do conhecimento livre pode ser resumido pela frase do físico e matemático inglês Isaac Newton, quando apresentou a Lei da Gravidade: “Tudo o que fiz foi porque estava sentado no ombro de gigantes”. Ou seja, todo o conhecimento acumulado anteriormente estava acessível a ele, e foi graças a esse acúmulo que ele conseguiu dar mais um passo nesta grande construção do conhecimento.

Conhecimento livre significa aceitar que as novas ideias sempre dependem das ideias anteriores e, portanto, são um bem comum da humanidade. Infelizmente, a lógica do atual sistema atua no sentido de mercantilizar também o conhecimento, dizendo que cada nova contribuição ou ideia deve ser patenteada e protegida por “direitos autorais individuais”. Isso significa que se alguém quiser usar a ideia de outro, tem de pagar por isso, o que é um verdadeiro absurdo.

Isso tem implicações diretas sobre a gestão e o fluxo das informações. Se o conhecimento é livre, as informações já estão à disposição enquanto acontece o processo de construção do conhecimento. Se o conhecimento é mercantilizado, a informação deve ficar contida em cada pessoa que está pesquisando.

A indústria farmacêutica fornece um exemplo forte do significado do conhecimento mercantilizado: cada grande empresa farmacêutica tem seu laboratório completo, caríssimo, e equipe de pesquisadores, e faz seu trabalho isolado para conseguir chegar a alguma cura. Nesse processo, lucra o máximo possível com a patente da solução que desenvolve, usando para isso somas gigantescas de recursos e um tempo enorme, já que tem de fazer tudo sozinha. Na ótica do conhecimento livre, entretanto, o conjunto de pesquisadores de diferentes organizações pode se dedicar a elementos e aspectos diferentes da pesquisa e, enquanto faz seu trabalho, distribui as informações que está conseguindo coletar, de modo a avançar em uma ampla rede de pessoas dedicadas a um mesmo assunto, acarretando muito menos custos e uma inteligência coletiva potente e criativa.

A construção coletiva do conhecimento envolve, portanto, a partilha de informações e sua complementaridade, além da constante comunicação entre as partes, trazendo maiores benefícios para a humanidade, como no caso dos remédios, que seriam desenvolvidos muito mais rapidamente e com menos custos, como está provado no caso do desenvolvimento de *softwares* livres.

SOFTWARE LIVRE

Um software é considerado livre quando atende aos quatro tipos de liberdade para quem usa: (1) a liberdade de executar o programa, para qualquer propósito; (2) a liberdade de estudar como o programa funciona, ou seja, ter acesso a todas as informações sobre o programa, incluindo o código; (3) a liberdade de redistribuir, incluindo vender, cópias de modo que você possa ajudar ao seu próximo; (4) a liberdade de modificar o programa, e liberar essas modificações, de modo que toda a comunidade se beneficie (liberdade n.º 3). A liberdade de executar o programa significa a liberdade de qualquer tipo de pessoa, física ou jurídica, de utilizar o software em quantas máquinas quiser, em qualquer tipo de sistema computacional, para qualquer tipo de trabalho ou atividade, sem nenhuma restrição imposta pelo fornecedor

(fonte: Wikipédia)

Princípio 3: autogestão

A informação pode ser gerada e está localizada em vários lugares, de formas diferentes. Portanto, assim como na produção, essa informação envolve gestão. **A autogestão aplicada na gestão da informação significa que as decisões quanto à coleta, forma de organização e partilha da informação são tomadas em condições de igualdade pelos diferentes atores envolvidos.**

Se informação é poder, pela autogestão ela deve estar disponível para todos os envolvidos. Por exemplo, em uma cadeia produtiva, a autogestão aponta que os consumidores devem ter acesso às informações dos custos de produção, e que os produtores devem ter acesso às informações dos custos de comercialização e logística. A autogestão dessas informações exige, assim, a transparência e participação em condições de igualdade.

Princípio 4: circulação sem concentração

Quando observamos fluxos, de qualquer tipo, podemos perceber que há fluxos que levam à concentração e outros fluxos que não geram concentração. Pelo princípio da conservação, os fluxos que concentram em um ponto também esvaziam em outro ponto, ou seja, em fluxos concentradores há “fontes” (pontos que mais emitem do que recebem) e “sumidouros” (pontos que mais recebem do que emitem, e, portanto, são pontos concentradores).

Vamos tomar como exemplo o fluxo de produção olhando a matéria-prima até o seu descarte final. Um fluxo concentrador é aquele em que a matéria-prima é retirada da natureza e o descarte fica em um lixão, sem ser aproveitado no ciclo de produção. Nesse caso, o meio ambiente da região é uma fonte, pois estamos desgastando e exaurindo a matéria-prima local (enfraquecimento do solo, diminuição da mata etc.). Por outro lado, estaremos continuamente aumentando o lixão com os descartes da produção, de modo que o lixão é um sumidouro, ou seja, um polo concentrador do fluxo.

Neste mesmo exemplo, um fluxo que não concentra é aquele que tem um ciclo fechado: o que é descartado no processo de produção e consumo volta para o início do ciclo e é utilizado como matéria-prima. Quanto mais isso ocorre, maior é a retroalimentação do ciclo e a geração de abundância sem concentração nem falta. Em um sistema agrícola, o uso de estrume e restos de produção como composto para a adubação evita o ciclo vicioso da adubação industrial e, com isso, a necessidade de inserir insumos externos fica cada vez menor.

Para verificar se um fluxo é concentrador ou não, é preciso observar os vários pontos e suas relações. Se falamos do fluxo de poder, por exemplo, um fluxo concentrador é aquele em que determinado ponto (que pode ser um grupo ou uma pessoa) está concentrando poder, e não circulando por todos. Para verificar isso, temos de olhar como as decisões são tomadas no dia a dia, e qual o papel de cada pessoa e grupo nesse processo.



Exercícios

- 10)** No artesanato, as ideias e originalidade são muito importantes, e, na lógica da competição, é comum um(a) artesão(ã) roubar ideias de outro(a) e também buscar manter segredo de suas novidades. Discuta como aplicar os três primeiros princípios para uma rede de artesanato. Como pode ser isso? Quais vantagens e desvantagens trará?
 - 11)** Ainda no exemplo anterior, busque expandir a rede de artesanato para incorporar outro setor, por exemplo, a produção de tecidos da matéria-prima ao artesanato. Como seria a aplicação dos quatro princípios nesse caso?
 - 12)** Faça o exercício de desenhar um mapa fictício dos fluxos de dinheiro na cadeia de produção da alimentação escolar de uma cidade para dois casos: um fluxo concentrador e um fluxo não concentrador. Quais são os pontos principais? Quais são as diferenças entre os dois fluxos? Onde estão os pontos de concentração e de esvaziamento? Como isso implica na gestão da informação? É possível manter o fluxo de dinheiro circulando na cidade? Como?
-



Cirandas.net – espaço de inteligência econômica colaborativa e solidária

Foi com o objetivo de oferecer informações com base nos princípios da Economia Solidária que o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES) começou a desenvolver uma ferramenta especial de gestão da informação para o movimento.

À primeira vista, Cirandas é apenas uma rede social como tantas outras que já conhecemos. Mas por trás dessa aparência, há algo novo que pode representar um aliado fundamental para os empreendimentos de Economia Solidária se organizarem em redes e cadeias solidárias: além de ser uma rede social, Cirandas é um sistema de inteligência colaborativa e solidária.

O que significa isso? **Significa que Cirandas é um ambiente no qual a informação circula entre os empreendimentos, e aparece para cada empreendimento na forma de oportunidades de conexão econômica ou política.** Nesse sistema, qualquer consumidor pode encontrar produtos e serviços da Economia Solidária de todo o país, e os empreendimentos podem descobrir novos parceiros, seja no fornecimento de matérias-primas, seja na partilha de rota e logística e na troca de experiências ou na articulação para conseguir fazer ofertas de grande escala que um empreendimento sozinho não daria conta.

Hoje, cada empreendimento solidário tem em Cirandas seu próprio *site* gratuito na internet, onde é possível contar sua história, mostrar sua vitri-

ne de produtos e serviços e ter acesso às ferramentas de inteligência econômica, tais como o “farejador de oportunidades” e o “descobridor de rotas compartilhadas”, entre muitas outras. Também é possível ao empreendimento dizer aos (às) consumidores(as) como o preço de cada produto ou serviço é construído, contribuindo, assim, na construção do preço justo.

Esses são apenas alguns exemplos das possibilidades oferecidas por Cirandas: enquanto no capitalismo, a informação é secreta e a lei é a do mais forte; na Economia Solidária, a força está na colaboração, e, para isso, a informação compartilhada torna-se um instrumento poderoso de eficiência e criatividade colaborativa.



Exercícios

- 13)** Procure um acesso à internet e entre no www.cirandas.net. Ao entrar, procure os empreendimentos que oferecem farinha. Veja se há algum empreendimento perto de sua cidade, e se você o conhecia.
 - 14)** Ainda no Cirandas, crie uma conta de usuário. Ao finalizar, escreva na sua página pessoal um pouco sobre o empreendimento ou rede da qual você faz parte.
 - 15)** Se seu empreendimento está no Cirandas, peça ao FBES seu código de ativação e ative o seu *site*! Se tiver dúvidas, procure alguma entidade ou jovem que entendam de informática para ajudar.
-

A informação a nosso favor e do nosso jeito

Percebemos, nesta cartilha, que o olhar sobre os fluxos e as informações nos permite abordar, de maneira diferente, os vários desafios da Economia Solidária, apontando formas de avaliar nossas práticas e melhorá-las.

Para concluir, apresentamos, a seguir, alguns exemplos de como podemos enriquecer o olhar sobre nossos empreendimentos a partir do que foi apresentado nesta cartilha, particularmente o uso da informação e a ideia dos fluxos. Destacamos o fortalecimento de redes, cadeias, das informações ao consumidor e da apropriação e integração das informações no território.

Fortalecimento de redes – informações

Se uma rede constrói um sistema de intercâmbio de informações entre seus integrantes (por exemplo, uma comunidade no Cirandas), cada empreendimento que compõe a rede pode gerar informação para os demais e, ao mesmo tempo, ter informações do todo. A seguir, alguns exemplos.

Vamos supor que uma rede econômica do ramo de alimentação tenha um sistema de informações para seus integrantes, de modo que a informação circule livremente entre eles. Um dos empreendimentos descobre um edital de compras públicas para merenda escolar de uma prefeitura, mas o volume e a variedade de produtos necessários vão além da capacidade desse empreendimento. Se partilhar a informação, todos da rede ficarão sabendo, e é possível construir uma proposta em consórcio para ter escala e dar conta do edital.

Outro exemplo é de uma rede territorial de uma região do Piauí. Se um(a) integrante da rede informa aos(as) demais que na próxima terça-feira organizará uma feirinha agroecológica, todos(as) ficarão sabendo de algo que acontece na sua região, e poderão, por exemplo, aproveitar para organizar uma reunião de articulação.

Se um(a) integrante de uma rede cultural de frevo, por exemplo, começa a coletar durante todo o mês as informações geradas e compartilhadas por cada um dos integrantes da rede, ele(a) pode imprimir uma revista mensal tanto para os(as) integrantes da rede como para qualquer pessoa interessada em frevo no país.

Concluindo, em uma rede existente (seja territorial, cultural, econômica, política etc.), o olhar sobre a informação nos permite pensar nas seguintes questões: onde estão os pontos que podem gerar e partilhar informações? Que tipo de informação pode ser partilhado de forma descentralizada pelos atores sem dar muito trabalho, pois é algo que os atores já fazem? O que é possível fazer com esse tipo de informação da rede, se for partilhada? Como fazer a autogestão dessa informação?

A informação é, portanto, um patrimônio vivo de uma rede que tem um grande valor. Ao ser organizada e partilhada, essa informação desenvolve a inteligência coletiva e amplifica muito o poder da rede em termos de criatividade, construção coletiva de conhecimentos, capacidade de planejamento, compras coletivas de insumos e ganho de escala.

Fortalecimento de redes – fluxos

Em uma rede, ao olharmos também para os fluxos existentes, podemos avaliar a sua situação atual, suas forças e fragilidades. Nesse olhar, percebe-se naturalmente se essa rede possui fluxos concentradores, sendo preciso identificar as causas dessa concentração e avaliar as maneiras de construir elos que alterem essa tendência.

Para dar um exemplo, tomemos a rede territorial do interior do Piauí que citamos anteriormente. Vamos supor que a rede decida olhar os fluxos materiais do conjunto de integrantes que faz parte dela, ou seja, o uso e descarte de água, energia e outras matérias-primas naturais da região, como madeira, frutos etc.

Olhando o fluxo de água, eles(as) perceberam que há um grande volume sendo tirado por integrantes da rede do rio da região, que estão sim-

plesmente descartando essa água usada no esgoto comum, sendo que os municípios não têm tratamento sanitário. Esse é um fluxo concentrador, pois está exaurindo o rio (fonte) e se direcionando para o esgoto (sumidouro). A rede pode perceber, por exemplo, que o tipo de água descartada por muitos(as) integrantes poderia servir para que outros(as) integrantes a utilizassem para regar suas plantações.

Foi, portanto, identificado um problema ambiental no fluxo de água e uma possibilidade de a rede modificá-lo para torná-lo menos concentrador, aliviando o rio (que não seria mais usado para os empreendimentos que estão regando) e o esgoto (que não seria mais usado para os outros empreendimentos que estavam descartando água ainda própria para regar). Com o problema identificado, é possível construir um projeto de reuso da água para a rede.

Este foi apenas um exemplo: uma rede pode olhar os seus outros fluxos, como o de dinheiro, o de saberes, o de poder, o de informação etc. Com esta atenção aos fluxos em uma rede, pode-se descobrir maneiras de avaliar como ela funciona e onde estão os pontos nos quais precisa melhorar, dando ideias e caminhos de como fazê-lo.

Cadeias: produção, comercialização e consumo

O olhar sobre fluxos financeiros e de materiais e serviços nos permite perceber se a cadeia está completa ou se há pontas que ainda dependem de recursos financeiros ou materiais de fora da cadeia solidária.

Em uma cadeia produtiva de polpa de acerola, por exemplo, se há empreendimentos solidários de produção de adubo orgânico, de cultivo e coleta da acerola, de despulpamento e de embalagem, mas o plástico da embalagem é comprado do mercado capitalista, há um trecho do fluxo que é concentrador. Um olhar sobre esse fluxo permite perceber a necessidade de apoiar a constituição de um empreendimento de produção de embalagens para a polpa, fechando, assim, um ciclo em que os recursos se mantêm circulando entre os empreendimentos da cadeia.

Se olharmos para o fluxo de poder ao longo da cadeia, poderemos ver se há elos que estão se impondo sobre outros, concentrando poder. Ao se detectar isso, é preciso que a cadeia solidária se reorganize nos seus processos decisórios para resgatar o equilíbrio das partes e avançar para um comércio justo e solidário. Um fluxo de poder em uma cadeia solidária que não concentra é um fluxo em que todos os elos participam, por exemplo, na elaboração do preço final, de modo transparente e democrático.

Como no caso das redes, um olhar sobre os fluxos permite, portanto, avaliar pontos de concentração (de poder, de matéria-prima etc.) os quais seja necessário desconcentrar, seja mudando as estruturas de tomada de decisões e aprimorando a autogestão da informação; seja incorporando outros empreendimentos e reutilizando material descartado ao longo da cadeia.

Informações para consumo

Para o(a) consumidor(a), a informação tem um valor muito especial: por um lado, a informação permite que o(a) consumidor(a) saiba o que está comprando. Por outro lado, a informação pode também chamar a atenção do(a) consumidor(a) sobre aspectos que ele(a) nem tinha pensado, ajudando, portanto, na educação para o consumo responsável.

É possível imaginar várias maneiras de partilhar informações com o(a) consumidor(a):

- contar a história do produto desde a sua produção ao longo de toda a cadeia;
- contar a história do empreendimento solidário ou dos vários empreendimentos solidários envolvidos;
- mostrar a composição do preço (quanto dessa boneca de pano de R\$10 provém de custos de matéria-prima, de trabalho e de impostos?);
- falar que não possui transgênicos nem insumos de grandes corporações;
- falar que não há patrão nem empregado e, portanto, os resultados econômicos são divididos de forma democrática no empreendimento;
- falar que a finalidade não é o lucro.

Esses são apenas alguns exemplos de informações que podem ser disponibilizadas. Essa é uma diferença com relação à “propaganda” e à “responsabilidade social empresarial”, nas quais empresas tentam seduzir o(a) consumidor(a) ressaltando alguns aspectos e escondendo outros. A “propaganda” da Economia Solidária tem de ser simplesmente contar o que é o produto, como veio e quem são as pessoas que o produzem. Ou seja, a transparência das informações mostra a nossa diferença com relação às empresas voltadas ao lucro.

Se um determinado empreendimento, rede ou cadeia solidária tem receio de divulgar determinadas informações sobre o seu produto ou serviço, isso pode servir para seus(suas) integrantes discutirem e identificarem pontos da cadeia produtiva e do processo de produção que precisam ainda ser melhorados, para poderem ser mais transparentes. Ou seja, olhar sobre as informações que podemos ou não partilhar com o(a) consumidor(a) nos permite avaliar como está o nosso empreendimento ou nossa rede.

Território: a disputa sobre o modelo de desenvolvimento

Olhar para informações e fluxos em um território tem um valor muito grande no apoio à luta por um desenvolvimento baseado no bem-viver, na solidariedade, na democracia e no respeito ao meio ambiente.

Se conseguirmos coletar informações de diferentes tipos no território onde estamos, **podemos fazer mapas que possibilitem maior capacidade de decisões e de poder da população local.**

Alguns exemplos de informações importantes são: quais projetos de desenvolvimento são financiados pelo governo? Qual o valor repassado? Como é usado o orçamento dos municípios da região? Onde estão as escolas e de quanto necessitam para merenda escolar? Onde estão os agricultores familiares, agroecológicos e os empreendimentos solidários no território? O que oferecem e em que quantidade? Como a energia está sendo utilizada na região: quais empresas consomem mais e quanto pagam por isso? De onde vem essa energia? Qual a demanda de consumo da população local? Dessa demanda, quanto é atualmente comprado de agricultores familiares/agroecológicos e empreendimentos solidários e quanto é comprado de grandes empresas? Onde estão as áreas de agroextrativismo, e quem hoje possui essas terras que, anteriormente, eram comunitárias? Onde estão as associações culturais e os sindicatos?

É possível continuar essa lista por muito tempo. São informações diferentes, de naturezas diferentes e de fontes diferentes. Se desenvolvermos no território mecanismos de coleta sistemática dessas informações e formas de representá-las em mapas integrados, teremos em mãos uma forte ferramenta para permitir debates coletivos na comunidade a respeito do modelo de desenvolvimento que temos e do modelo de desenvolvimento que queremos.

É claro que não dá para já começar com todas as informações. Mas se conseguirmos algumas para iniciar o processo e usarmos ferramentas para isso, poderemos acrescentar, pouco a pouco, novos tipos de informação, fazendo os mapas cada vez mais interativos e integrados.

Coletar e organizar informações sobre o território nos tira dos boatos e da propaganda enganosa, permitindo um olhar direto, sem intermediários, sobre o que ocorre na nossa região e os interesses que estão em jogo. Se disponibilizarmos também informações sobre nossas ações de Economia Solidária e de agroecologia e agricultura familiar, mostraremos também as alternativas que estão sendo elaboradas no território e seu potencial de alterar a economia local.



O acesso e a partilha de informações pode, portanto, ajudar na denúncia de injustiças sociais e ambientais, na resistência aos projetos que não beneficiam a comunidade e na construção de alternativas para outro sentido de desenvolvimento.



Exercícios

- 16)** No seu produto ou serviço, quais informações você passa para o(a) consumidor(a)? Quais informações você poderia partilhar e não o faz? Por quê? E quais informações você não gostaria de divulgar, pois prejudicaria a compra? Por quê? É possível melhorar isso?
 - 17)** No seu território, seu empreendimento faz parte de algum fórum, alguma articulação, algum conselho ou algum sindicato? Nesses espaços nos quais você ou seu empreendimento participa, quais informações poderiam ser partilhadas e inseridas em um mapa? Quais são as barreiras que impedem que esses espaços organizem, sistematizem e compartilhem informações?
 - 18)** No seu território, quais atores e organizações estão fazendo resistência? Quais fazem denúncias? Quais estão construindo alternativas? Eles estão partilhando informações e estratégias de ação comum?
-



Caminhos...

Ao longo desta cartilha, fizemos o exercício de nos concentrar sobre a informação e os fluxos em diversos aspectos de nossas atividades no campo da Economia Solidária. Esse foco nos permitiu perceber formas de avaliar nossas ações e dar visibilidade a coisas que normalmente estão obscuras ou dispersas.

Como observar a informação e os fluxos é uma atividade que se concentra nas relações, e não diretamente na ação final, normalmente, ela se torna uma atividade “para especialistas”, que não seria acessível para todos que estão na rede ou no empreendimento. Mas há caminhos para facilitar a discussão, apropriação e a organização sobre esse assunto. Apontamos a seguir alguns.

Em primeiro lugar, se passarmos a discutir sobre informações e fluxos nos fóruns e em outras articulações dos quais participamos, a partir de nossas realidades, podemos começar a **“treinar o olhar” para observar onde está a informação, como é gerada e gerenciada e por onde passam os fluxos e avaliar os gargalos que precisam ser melhorados e as estratégias para isso.**

Além de “treinar o olhar”, é preciso acreditar que seu empreendimento solidário ou sua rede é uma valiosa fonte de informação. Às vezes, as pessoas acham que não têm o que partilhar, que o que acontece no seu empreendimento não é importante. Pelo contrário: quando falamos do que fazemos, estamos fazendo circular informação. **Portanto, além de “treinar o olhar”, é preciso “treinar a fala” para partilharmos nossas práticas.**

Neste sentido, é preciso olhar para nossas experiências e nos perguntar: o que estamos fazendo que pode ser útil para outros não terem de “reinventar a roda”? Isso nos leva ao segundo caminho: aprendermos a **sistematizar nossas experiências**, e extrair o suco que pode ser aproveitado por outros. O seu fórum ou sua rede pode realizar encontros de sistematização de experiências, para que possam ser comunicadas para outros lugares e ficarem à disposição de outras pessoas.

Mas não basta sistematizar as informações que temos. É preciso que fiquem disponíveis de maneira fácil e que permita a sua utilização por outros empreendimentos. Isso nos leva ao terceiro caminho: é preciso **avancar no uso de tecnologias de partilha da informação** desenvolvidas para isso. Cirandas é um exemplo, assim como Farejador e outros que permitem que as nossas informações sistematizadas fiquem junto de outras e se intercomunique, construindo um espaço de inteligência colaborativa em que todos ganham.

Neste terceiro caminho, uma estratégia possível é envolver jovens, que já gostam mesmo frequentar *lan house*. Será que jovens dos empreendimentos solidários e redes não podem partilhar informações das suas práticas que possam ser apropriadas por outros, e também aproveitar o que outros partilharam e disponibilizar em seu empreendimento?

A tecnologia da informação em si não faz nada, é apenas uma ferramenta, assim como uma enxada ou qualquer outro instrumento. Mais importante do que a tecnologia da informação são as nossas práticas em nosso empreendimento, rede ou fórum, e nossa organização política e econômica. Por outro lado, se perdemos o medo de aprender a “mexer com a enxada”, aumentaremos tremendamente nossa capacidade de articulação ao darmos maior visibilidade às informações e aos fluxos. Assim, avançaremos com mais força em nossa luta por outra sociedade.

É só uma questão de praticar e exercitar este olhar.

Vamos?



Exercícios

- 19) Quais passos podem ser dados para seu empreendimento ou sua rede conseguir sistematizar e partilhar suas experiências? Há alguma organização que possa ajudar nessa tarefa? Que tal discutir isso no seu Fórum de Economia Solidária?
 - 20) O Fórum de Economia Solidária ou rede da qual você faz parte pode envolver jovens no uso de ferramentas de tecnologia da informação? Como?
 - 21) O que sua experiência tem de informação que poderia ser usada por outros e pela rede como um todo? Quais informações dos empreendimentos solidários que você conhece poderiam ser úteis para o seu empreendimento e para melhorar a articulação de vocês em rede?
 - 22) Que tal criar uma comunidade no Cirandas para todas as pessoas de sua rede ou seu empreendimento terem um espaço para se comunicar, trocar informações, deixar fotos e documentos? Pode ser um bom instrumento para usar a informação para ajudar a se organizar!
-

Ferramentas na internet

Quando observamos informação e fluxos e nos preocupamos com sua gestão, há ferramentas que podem ajudar nessa tarefa. Isso não significa que seja necessário usar o computador ou a internet sempre que quisermos falar sobre a informação. Se nos reunirmos e partilharmos as informações em um quadro ou mapa desenhado no papel coletivamente, já estaremos fazendo esse exercício!

A seguir, apresentaremos algumas destas ferramentas disponíveis na Internet.

- **CIRANDAS** é uma rede social com inteligência econômica para a Economia Solidária. Nele, os mais de 20 mil empreendimentos solidários têm seu próprio *site* e acesso a ferramentas para poderem achar fornecedores, montar redes e mostrar o preço aberto. Além disso, qualquer pessoa pode se tornar usuária e ter seu blog, sua agenda e organizar comunidades, além de partilhar informações econômicas, territoriais e temáticas: www.cirandas.net.
- **SOLIDARIUS** é um sistema de inteligência econômica que permite fazer a construção e análise de viabilidade de empreendimentos e diagnóstico de redes colaborativas com o princípio de fluxo financeiro não concentrador. Foi o primeiro sistema dessa natureza construído no Brasil e também propicia um buscador internacional de empreendimentos solidários com ferramentas para compras e vendas *online*: www.solidarius.com.br.
- **FAREJADOR DA ECONOMIA SOLIDÁRIA** mostra, em um mapa, todos os empreendimentos solidários de qualquer região do país, a partir do mapeamento de 2005-2007 realizado pela Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes) em parceria com o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES). Permite a consulta de produtos e serviços e também gera um catálogo da sua busca para copiar e distribuir como se fosse Páginas Amarelas da Economia Solidária: www.fbes.org.br/farejador.

- **AGROECOLOGIA EM REDE** mostra em um mapa as experiências sistematizadas de agroecologia em todo o país, e também na América Latina, com textos, contatos e fotos. Também permite que qualquer pessoa possa adicionar sua experiência agroecológica: www.agroecologiaemrede.org.br.
- **SISTEMA DE INTERCÂMBIOS SOLIDÁRIOS (SIS)** é um sistema desenvolvido pelo Solidarius para permitir o uso de créditos solidarius para compras e vendas internacionais, em uma comunidade de usuários: www.solidarius.com.br/sis
- **FAREJADORES** no site do FBES mostram as leis aprovadas de Economia Solidária, experiências de formação no mapa, informações e gráficos sobre as Feiras da Economia Solidária (de 2006, 2007 e 2009/2010), informações sobre moedas complementares, entre outros: www.fbess.org.br em “farejadores” no menu.
- **MAPA INTERATIVO DOS PROJETOS FINANCIADOS PELO BNDES** mostra quanto e onde foram investidos recursos do BNDES no país, com informações da composição acionária das empresas beneficiadas e a possibilidade de qualquer pessoa inserir seus depoimentos, fotos e vídeos a respeito de cada projeto: www.plataformabndes.org.br/mapas.
- **MAPA DA INJUSTIÇA AMBIENTAL E SAÚDE** mostra informações de casos no Brasil nos quais empresas afetam ambiental e socialmente as comunidades: www.conflitoambiental.iciet.fiocruz.br.
- **MAMULENGO** é uma ferramenta do site do FBES que permite a seleção de notícias de qualquer boletim da Economia Solidária e transforma essa seleção em um impresso pronto para copiar: www.fbess.org.br/mamulengo.
- **E-SOLIDARIA** é um sistema de compra e vendas pela internet (e-comércio): www.esolidaria.net.



Publicado sob licença Creative Commons – alguns direitos reservados



ATRIBUIÇÃO.
Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciente.

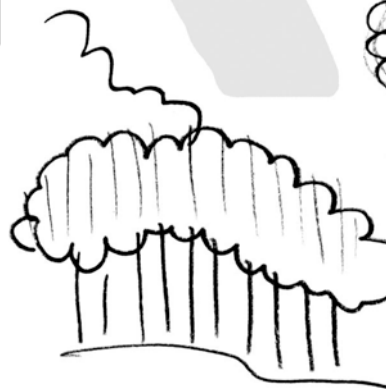


USO NÃO-COMERCIAL.
Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.



PERMITIR A CRIAÇÃO DE OBRAS DERIVADAS

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.



REALIZAÇÃO

igase30.

PATROCÍNIO

BR PETROBRAS

PETROBRAS
PROGRAMA
DESENVOLVIMENTO
& CIDADANIA

